

#cm

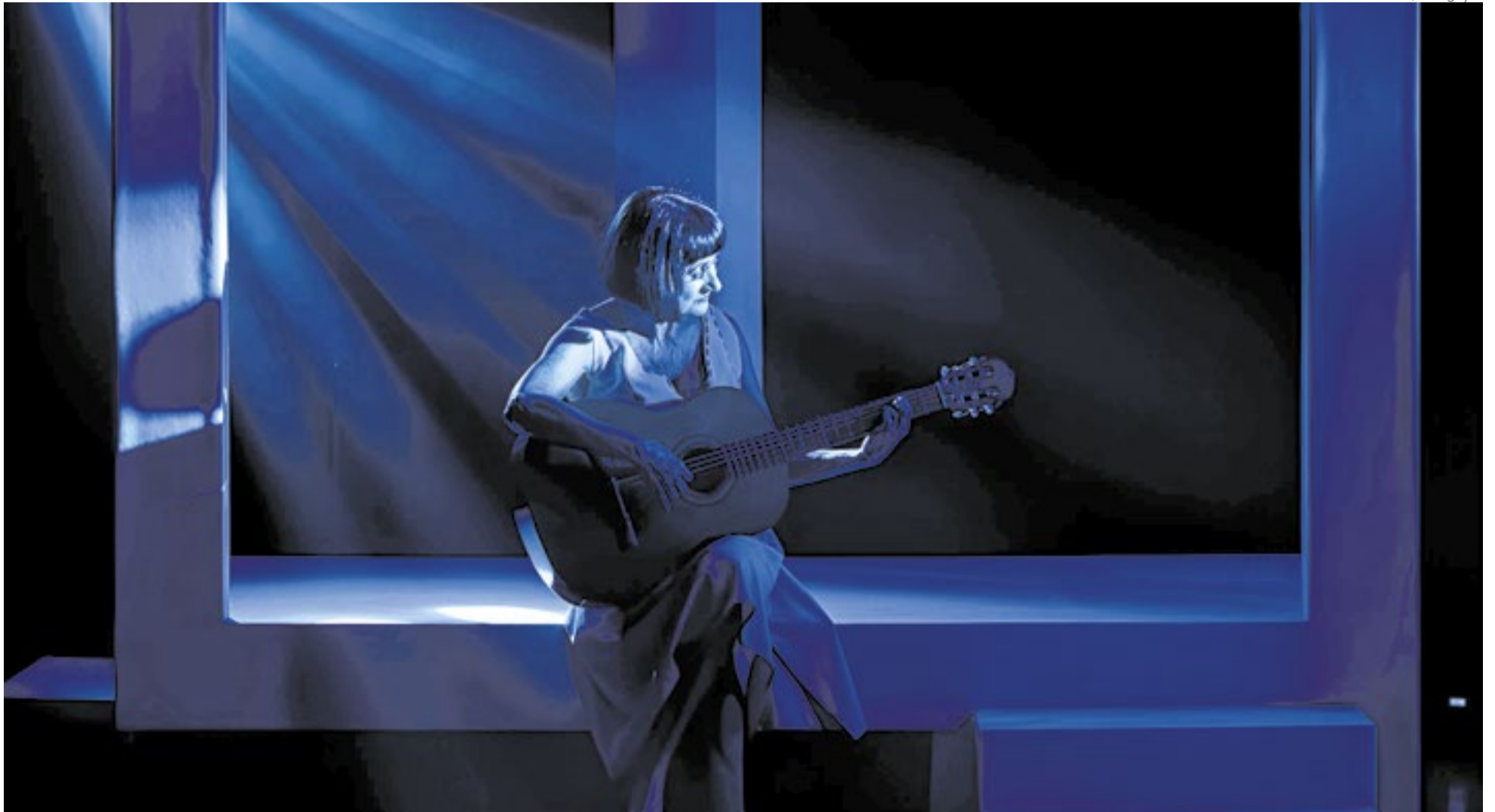
2

SEGUNDA-FEIRA

Pelos olhos DE NARA

Zezé Polessa dá vida a Nara Leão do musical Os Olhos de Nara Leão', com texto e direção de Miguel Falabella

Montagem escrita e dirigida por Miguel Falabella segue em cartaz no Teatro Clara Nunes com Zezé Polessa interpretando a cantora que marcou a canção popular brasileira. Página 2



Zezé Polessa retoma parceria artística com Miguel Falabella no musical 'Os Olhos de Nara Leão'

Lembranças e reflexões de uma artista libertária

Zezé Polessa segue em cartaz no Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea, revivendo a trajetória de Nara Leão em "Os Olhos de Nara Leão", montagem escrita e dirigida por Miguel Falabella. Em temporada até o dia 26, o espetáculo oferece uma evocação intimista à vida e obra da cantora que se eternizou como uma das grandes personalidades da música brasileira.

A morte prematura de Nara Leão - aos 47 anos, em 1989 - interrompeu uma carreira de mais de duas décadas marcada por ousadia artística e liberdade criativa. Seis décadas após o lançamento de "Show Opinião", show de 1965 que reuniu Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti, o espetáculo resgata a importância de uma mulher que se recusava a ser rotulada ou presa a um único gênero musical.

No palco, Nara aparece como

se viesse de algum lugar do futuro — ou do passado — para compartilhar com o público lembranças e reflexões sobre sua própria existência. O texto não segue uma cronologia linear ou preocupações com datas formais. Abraça a liberdade que sempre caracterizou a própria cantora, que transitou entre a Bossa Nova, o Tropicalismo, os festivais da canção, o samba-canção, as músicas de protesto e até o rock. "Eu não procuro imitar o seu jeito de falar ou cantar. Existe uma liberdade em todo este processo, não poderia ser diferente com alguém que sempre foi tão livre", comenta Zezé, ao falar de seu processo de construção da personagem.

A atriz interpreta ao vivo sucessos como "A Banda", "Corcovado" e "Diz que fui por aí", entre outros. Com direção musical de Josimar Carneiro, cenário de Marco Lima e iluminação de Cesar Pivetti, o espetáculo perpassa os diversos movimentos artísticos pelos quais Nara

“Eu não procuro imitar o seu jeito de falar ou cantar. Existe uma liberdade em todo este processo, não poderia ser diferente com alguém que sempre foi tão livre”

ZEZÉ POLESSA

transitou. Ela esteve no coração do nascimento da Bossa Nova, flertou com o Tropicalismo, participou dos grandes festivais da canção — e foi quem escolheu Maria Bethânia para substituí-la quando deixou o elenco de "Show Opinião" — resgatou compositores antigos, cantou samba-canção, músicas de protesto durante a ditadura militar e ainda experimentou a Jovem Guarda.

Ao longo das cenas, temas centrais à vida da cantora vêm à tona: a repressão sofrida durante o regime militar, o exílio, o avanço do debate

feminista, a revolução comportamental das décadas de 1960 e 1970, a maternidade, seus relacionamentos amorosos e as demais paixões que marcaram sua trajetória pessoal. As canções surgem para pontuar momentos de uma vida que se confunde com a história do Brasil daquele período.

Zezé Polessa não é novata em interpretar cantoras em cena. Sua trajetória inclui musicais como "Noel Rosa", de Domingos de Oliveira, "Receita de Vinícius" e uma versão de "A Noviça Rebelde". O

desafio desta vez foi selecionar quais músicas entrariam na peça. "As canções de Nara me acompanham há muito tempo. Eu já sabia as letras de uma boa parte do repertório e agora o desafio foi justamente escolher quais as músicas que entrariam na peça, já que ela produziu muito ao longo da vida e gravou sempre canções muito pertinentes e necessárias", conta a atriz.

A parceria entre Zezé e Miguel Falabella vem de longa data. Os dois se conhecem desde os anos 1970 e já dividiram o palco em diversas montagens: "Mephisto", "O Submarino", "Florbel Espança - A Bela do Alentejo", "A Mentira" e "Os Monólogos da Vagina". A sintonia entre atriz e diretor, construída ao longo de décadas, se reflete neste trabalho que busca honrar a memória de uma artista cuja influência transcende a música.

Nara Leão nasceu em Vitória, no Espírito Santo, em 1942, mas construiu sua carreira no Rio. Filha de um advogado, cresceu imersa na cultura carioca e se tornou uma figura central nos movimentos musicais que definiram a identidade cultural brasileira. Sua morte, em 1989, deixou um vazio na música nacional, mas seu legado permanece vivo através de suas gravações e da admiração de gerações de artistas que reconhecem sua importância como precursora de uma forma de estar no mundo — artística e pessoal — marcada pela recusa de limites e convenções.

SERVIÇO

OS OLHOS DE NARA LEÃO

Teatro Clara Nunes - Shopping da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 26/4, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 160

Uberização na ribalta



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Evocado faz pouco nos palcos do Rio, numa montagem de “Quando As Máquinas Param” sob a direção de Heitor Martinez, Plínio Marcos (1935-1999) deixou como herdeiros espirituais (e éticos) uma leva de exercícios teatrais que hoje salpicam de indignação as paragens do Festival de Curitiba numa exposição da uberização do mundo laboral. Não há emprego... o bom e velho modo CLT. Há empreitadas. Atividades mal remuneradas curtas, sem calções, sem FGTS, que se estruturam, na margem do risco, pelas ruas. Essas novas práticas são o foco dramaturgicamente de “Cabo Enrolado”, uma das peças mais esperadas da reta final do evento nº 1 das artes cênicas nacionais, com sessões prometidas para os próximos dias 11 e 12, no Teatro José Maria Santos.

A realização é da Companhia Graxa, com Julio Lorosh em cena. Sobre os tijolos de uma casa

Espectáculos como ‘Jonathan’ e o esperado ‘Cabo Solto’ levam as estratégias de sobrevivência laboral da periferia para o epicentro da maior maratona teatral do país



Zelu/Divulgação

‘Cabo Enrolado’ promove um estudo sobre as estratégias de sobrevivência laboral do mundo uberizado



‘Jonathan’ se põe entre cascos e ancestralidades

Roberto Carneiro/Divulgação

em construção vemos a infância de um jovem periférico sendo edificada. Mais tarde, esse mesmo jovem adentra ao mercado de trabalho “livre”, oferecido pelos aplicativos de entrega. Sobre os quadros de sua vida vemos o eco colonial do trabalho no Brasil, sonhos, angústias e anseios da juventude periférica.

As explorações de um mundo pautado entre iFood, o 99, a Uber e afins, foram debatidas em Curitiba, entre a alegoria e o realismo, na montagem “Jonathan”. Exercício decolonial, a peça aborda a biografia de uma centenária

tartaruga, considerada o ser vivo mais antigo vivo na Terra. Paralelamente ao festejo do quelônio, vemos o processo de amadurecimento do jovem do título, às voltas com todas as asperezas de sobreviver em um mundo que o quer submisso. Rafael Souza-Ribeiro é o astro em foco, sob a direção de Dulce Penna. Seu personagem herda o legado de zelar por um animal que é o ícone maior da longínqua ilha de Santa Helena, entre a África e as Américas, onde estampa camisas, bonés e até moedas de 5 centavos. De frente para a criatura centenária, o protagonista descobre que sua missão envolve uma disputa pela memória... e pelo futuro, confrontando legados do colonialismo.

No fim de semana, a maior descoberta de Curitiba se fez aplaudir no Guairão, o Maracanã dos teatros brasileiros: “Na Marca Do Pênalti”, um monólogo confessional egresso de SP, com Walter Casagrande Júnior. O ídolo do Corinthians e da seleção brasileira, que depois seguiu carreira como um dos comentaristas de futebol mais lúcidos e politicamente esclarecidos do país, rasga seu coração em cena. Pela primeira vez num palco, sob a direção de Fernando Philbert, com quem construiu a dramaturgia, Casagrande conta sua história.

Entre o Bruxo do Cosme Velho e a fé do Vaticano

Onde tem brasilidade – componente essencial ao Festival de Curitiba – tem Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908), para nos ajudar a pensar as vicissitudes morais que cercam a construção de nossa identidade, sobretudo sob vetores de violências institucionais. “Pai Contra Mãe”, um conto publicado no livro “Relíquias de Casa Velha”, em 1906, ganhou um novo peso histórico, ao ser utilizado por diversos movimentos contra a intolerância racial – e na academia – como um aríete. Sua frase de abre-alas: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais”. Calçado nessa matéria, o Coletivo Negro bolou uma peça que promete sacudir a maratona

cênica paranaense nesta terça e na quarta, no Sesc da Esquina.

“Pai Contra Mãe ou Você Está Me Ouvindo”, escancara o sistema venoso do racismo no fio do Bruxo do Cosme Velho. Em cena, um narrador negro nos conta a história de Zaíra da Conceição - mulher, negra, retinta, grávida - e de Osvaldo - homem, negro, que acabou de se tornar pai. Ela está desempregada e acaba de conseguir emprego em uma rede de varejo. Suas vidas se cruzam em meio às desigualdades e heranças do passado escravocrata das Américas.

Nesta segunda, o Festival de Curitiba recebe ainda, no Guairão, a aguardada “Dois Papas”, cuja dramaturgia se fez conhecer via



Jé Oliveira/Divulgação

‘Pai Contra Mãe’ é um espasmo machadiano contra o racismo

streaming, no filme homônimo que Fernando Meirelles fez para a Netflix. A direção da montagem nacional é de Munir Kanaan, com

base na dramaturgia de Anthony McCarten (sob tradução de Rui Xavier), que concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado pela

produção rodada por Meirelles. O longa tem como gênese a peça “The Pope”, que ele lançou no Royal & Derngate Theatre, em 2019. A trama parte das divergências do Papa Bento XVI, mais conhecido como Joseph Aloisius Ratzinger (1927-2022), com o cardeal argentino Jorge Bergoglio (1936-2025), o futuro Papa Francisco, que planeja pedir aposentadoria, em meio a um potencial processo de sucessão na cúpula do Vaticano. A mudança no comando daquele governo se anuncia quando Ratzinger avalia renunciar ao papado, em meio a pressões crescentes, tornando Bergoglio um sucessor provável. Na peça, Celso Frateschi e Zé Carlos Machado se esgrimam. (R. F.)



Cassiano formou com Tim Maia e Hyldon a santíssima trindade do soul brasileiro: o cantor e compositor morreu em 2021, vítima da covid

Soul (muito) brasileiro

AFFONSO NUNES

Cinquenta anos depois de seu lançamento original, “Cuban Soul: 18 Kilates” retorna ao mercado em seu formato original (vinil) em relançamento da Universal Music Brasil. Terceiro trabalho de estúdio de Cassiano (1943-2021), o álbum integra o projeto “Safrá 76”, iniciativa que revisita discos lançados que agora completam cinco décadas. O disco é um marco da soul music com a autoridade de um artista que até hoje é referência para músicos, produtores e DJs.

Genival Cassiano dos Santos nasceu em Campina Grande (PB), em 1943, mas foi no Rio que construiu sua carreira. Nos anos 1960, tocou em casas noturnas da zona sul, acumulando experiência como guitarrista e compositor. Sua ascensão pública viria em 1970, quando participou como guitarrista no lançamento de “Primavera (Vai Chuva)”, composta em parceria com Silvio Rocha e interpretada por Tim Maia. A canção se tornou clássico instantâneo, consolidando Cassiano como um compositor de primeira linha. Essa colaboração marcaria o início de uma década

em que o soul brasileiro ganharia contornos próprios, diferenciados da matriz norte-americana.

Lançado originalmente pela Polydor em 1976, “Cuban Soul: 18 Kilates” documenta um momento específico da música brasileira: aquele em que o soul e o funk norte-americanos encontraram uma leitura própria ao cruzar com harmonias típicas da MPB. Cassiano não imitava o soul music dos Estados Unidos: reorganizava essas referências a partir de uma sensibilidade brasileira — no canto, na harmonia, no balanço... O artista diferenciava-se de contemporâneos como Tim Maia e Hyldon por sua abordagem mais íntima. Onde Tim Maia explorava dramaticidade vocal e orquestrações grandiosas usando e abusando do naipe de metais, Cassiano optava pela contenção, pela precisão, pela beleza das coisas simples.

O álbum se insere no contexto do movimento que a imprensa viria a batizar de Black Rio, filho direto do circuito dos bailes, das equipes de som, das trilhas de novela e da indústria fonográfica dos anos 1970. Nesse ambiente, duas canções se tornaram fundamentais para o sucesso do trabalho. “Coleção” constrói um discurso amoroso inseguro e hesitante — “Não vá... ou vá”, “Sei também



Divulgação

Lançado originalmente em 1976, ‘Cuban Soul: 18 kilates’, de Cassiano, é uma obra fundamental da soul music produzida no Brasil

Terceiro álbum de estúdio de Cassiano (1943-2021), lançado em 1976, é reeditado, reposicionando um clássico que influenciou de Tim Maia aos Racionais MC’s

que você... eu não sei mais nada” — que desemboca numa afirmação inequívoca: “Quer saber? Eu amo você”. A faixa ganhou circulação massiva pela novela “Locomotivas”, transformando-se em trilha sonora de uma geração. “A Lua e Eu” traz uma melodia que se desloca naturalmente, com um canto que carrega emoção e efeitos precisos, sem excessos. Também impulsionada por novela — “O Grito” — a canção atravessou o nicho da black music e se fixou no repertório popular, permanecendo em rotação até hoje em rádios e plataformas de streaming.

O disco vai além desses momentos mais conhecidos. “Hoje é Natal” oferece elegância soul, com arranjos que lembram o calor de Earth Wind & Fire mas mantêm a leveza brasileira. “Ana Luiza” marca drama amoroso através da simples menção do nome no primeiro verso, onde a ingenuidade dos versos conversa com o calor da melodia. “Saia dessa fossa” injeta energia com influências diretas de Sly & The Family Stone, funcionando como respiro rítmico no álbum. “De bar em bar” bebe da disco music, enquanto “Salve essa flor” investe em lirismo romântico apoiado em imagens simples — a flor, o vento, o sol, as ervas daninhas. “Central do Brasil” é um

funk irresistível onde a letra funciona menos como narrativa que como efeito sonoro: em meio ao balanço e às frases de metais, apenas se repete a palavra “Central”.

No centro do álbum está “Onda”, faixa longa e minimalista sustentada por um groove persistente, poucos acordes e imagens poéticas ligadas à perda e à instabilidade do desejo. A canção se tornou referência obrigatória para produtores e DJs. Décadas depois, ganhou nova circulação ao ser sampleada por artistas como Racionais MC’s, que em 2002 a utilizaram em “Da ponte pra cá”, evidenciando a permanência do repertório de Cassiano na cultura musical brasileira. A faixa prova que a beleza minimalista de Cassiano não era limitação, mas escolha estética deliberada — um groove que funciona tanto em 1976 quanto em 2002, tanto em vinil quanto em hip-hop.

Ao longo dos anos, “Cuban Soul: 18 Kilates” consolidou-se como obra de referência do soul brasileiro e como marco na trajetória de Cassiano. A crítica costuma ler o álbum como fechamento de uma trilogia essencial — junto com “Imagem e Som” (1971) e “Apresentamos Nosso Cassiano” (1973).

Seu relançamento em vinil recoloca em circulação um disco fundamental para compreender a consolidação da soul music brasileira e o papel de Cassiano, uma das vítimas fatais da covid no Brasil, como um de seus principais arquitetos e como uma artista que continua tocando corações, sendo dançado em bailes e festas.

CRÍTICA DISCO | UM PIANO EM CADA CANTO

POR AQUILES RIQUE REIS*



Divulgação

na chance de uma vida melhor para criadores e criaturas. Acordei!

PS1. “Um Piano em Cada Canto”, álbum da cantora Ana Paula Moretti (Melhor Artista MPB do Sudeste – Prêmio Profissionais da Música 2025), seguiu o formato de gravação “ao vivo”, com takes sem correções. Assim, Ana gravou cada faixa com um pianista diferente, e voz e instrumento se irmanaram.

PS2. Os pianistas, as canções e seus autores: André Mehmari em “O Ciúme” (Caetano Veloso); Paulo Calasans em “Portal da Cor” (Milton Nascimento e Ricardo Silveira); Marco Brito em “Trocando em Miúdos” (Chico Buarque e Francis Hime); Michel Limma em “Tanta Saudade” (Djavan e Chico Buarque); Thiago Santana em “A Gente Merece Ser Feliz” (Ivan Lins e Vitor Martins); Erik Escobar em “Certas Canções” (Tunai e Milton Nascimento); Fábio Torres em “Viola Enluarada” (Marcos Vale e Paulo Sergio Vale); Maurício Piasarollo em “Não Dá Mais Pra Segurar – Explode Coração” (Gonzaguinha); Otmaro Ruiz em “Super-homem, a Canção” (Gilberto Gil).

Ana Paula Moretti interpreta clássicos da MPB sendo acompanhada por pianista diferente em cada faixa de “Um Piano em Cada Canto”

Sonhando o sonho alheio

Uma noite eu sonhei que a música invadia meu corpo – ela soava como uma sinfonia que mesclava uma linda voz feminina com as teclas de um piano. Eu percebia nitidamente a cena: dela brotavam sons que pareciam sobrenaturais, tamanha era a sua envergadura – impressionava-me tamanha beleza. Era, enfim, a música tornando real a ancestral

ilusão de ser a salvação de nossa vida, agora reafirmada por teclas pretas e brancas, como se fossem estrelas cadentes acabadas de vir do céu.

A princípio, pensei que havia muitos pianistas ao lado do piano. Sim, havia! Logo pude notar que uma moça estava recostada naquele belo instrumento. Sim, ela estava ali! Pra não acordar, quietei-me, e o sonho seguiu... eu gostava dele – muito! Eis que um dos pianistas assume o banco do piano, olha para

a moça, sorriem entre si, e a música toma conta do ambiente onírico. Meu Deus, a voz dela soava como um instrumento delirante, enquanto as teclas viravam acordes humanos a se espalhar pelo ar.

Não, eu não podia acordar naquele momento tão sublime. Não acordei! Um segundo pianista se aproximou do piano e também fez valer o seu dom de criar música, aquela que nos dá certeza de que tudo vale a pena. As teclas se

encontravam com a voz da moça e amavam-se intensamente, como feitas umas para a outra. E eram mesmo! Àquela altura, eu achava que delirava... e assim era. A música me possuía, como possuía a moça de voz bonita e cada um dos pianistas que se valiam do instrumento – e a moça a cantar o seu sonho que, naquele instante, era meu também. Intronietido, compartilhei da fantasia que regozijava a todos os que ali sentiam a música se transformar

Ficha técnica

Mixagem e masterização: Thiago Santana; produção geral: Alexandre Cunha; todas as gravações incluem audiovisual; patrocínio: PNAB/PROAC, lei de cultura do Estado de São Paulo.

Ouçam o álbum em <https://l1nq.com/h7070m5>

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Maria Dinat/Divulgação



Lirismo e crítica social

O cantor e compositor Vinícius Zurlo lançou o EP “O Que Você Procura Está Na Estrada”, trabalho que consolida sua identidade artística. O projeto aprofunda temas como solidão, envelhecimento, meio ambiente e responsabilidade coletiva, equilibrando lirismo, humor e crítica social delicada. Musicalmente, apresenta sonoridade orgânica com banda completa e arranjos que valorizam a interpretação. A direção musical é de Rodrigo Bottari. O EP está disponível em todas as plataformas digitais.

Divulgação



Cantando conexões

O cantor e compositor Felipe Antunes lançou o single “Dança Do Universo”, faixa-título de seu novo álbum previsto para este mês. A canção explora a conexão entre indivíduos e cidades, transformando encontros cotidianos em parte de um fluxo maior. O vídeo, inspirado pelo surrealismo cinematográfico, abandona a narrativa tradicional para explorar imagens simbólicas. O lançamento marca mais um capítulo na trajetória multifacetada do artista, que ganhou projeção como integrante da Vitrola Sintética.

Skelltons/Divulgação



Pop com atitude

O trio Superalma lançou “Gata Treinada”, single que marca um novo momento de sua discografia com aposta no pop e na atitude. A faixa conta com participação do artista de trap carioca S7Lermo e constrói a narrativa de uma personagem segura de si e estratégica. Formado por Bella Vox, Frankstation e U.F.O., o grupo segue afirmando sua identidade onde som, imagem e estado emocional caminham juntos. O single evidencia uma fase mais madura e acessível, sem perder a densidade conceitual que caracteriza o projeto.



Arlequin, o Odeon de Paris

A charmosa sala de projeção de Saint-Germain-des-Prés será um templo de brasilidade até o dia 14, ao acolher o festival de cinema nacional produzido heroicamente por Katia Adler

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Instrumento geopolítico (e poético) de difusão de nossa cultura para o Velho Mundo (e suas novíssimas plateias), o Festival du Cinéma Brésilien de Paris passou os últimos 27 anos fazendo a França escavar jazidas autorais nacionais, levadas até o Cine L'Arlequin, em Saint-Germain-des-Prés, por Katia Adler. Produtora e curadora, ela vem alfabetizando os olhares do público francês a cada nova edição de sua maratona, num trabalho heroico de formação de olhar. A 28ª aventura de sua empreitada começa nesta terça (7).

Abre seus trabalhos com um par de títulos: o documentário “Da Lata – 30 Anos”, no qual Paulo Severo registra as maravilhas canoras de Fernanda Abreu, e a fábula “Querido Mundo”, que Miguel Falabella codirigiu (em P&B) com Hsu Chien Hsin a partir da peça homônima de sua autoria. A combinação entre essas duas narrativas amplia a dimensão etnográfica que o Tempo deu ao charmoso cineminha transformado por Katia numa embaixada de encantamento cinéfilo. É como o nosso amado Odeon, só que à francesa.

“O Arlequin é ‘a’ melhor sala de cinema de Paris. Ali há muita história. Chamava-se Cosmos e a programação era de filmes russos. Depois, (o ator e diretor) Jacques Tati comprou o espaço, que é um cinema de rua, no coração de Paris, no bairro de Saint-Germain-des-Prés, com uma estação de metrô praticamente na porta. Conta com uma sala de 400 lugares e um hall ideal para eventos paralelos, além de um bar exclusivo para o festival”, detalha Katia. “Durante a semana do festival, o Arlequin se transforma em cultura brasileira: vira um verdadeiro ponto de encontro entre os



Divulgação

A prestigiada sala francesa onde o cinema brasileiro é estrela soberana



“Medida Provisória” (2021) integra o rol de homenagens ao casal Taís Araújo e Lázaro Ramos

“Da Lata 30 Anos” revive imagens do show icônico de Fernanda Abreu

“A Noite de Alaíde” leva a música e a coragem de Alaíde Costa para a capital francesa



convidados do festival e o público. É a sala de cinema onde me sinto em casa. Estamos ali desde 2002”.

Na programação arquitetada por ela, Lázaro Ramos e Taís Araújo serão os homenageados deste ano e receberão um tributo por suas carreiras, no próximo dia 12. “Medida Provisória” (2021), que deu a Lázaro o Prêmio do Júri do Festival do Rio e vendeu cerca de 500 mil tíquetes em plena pandemia, passa nesse dia. “É uma honra poder homenagear dois ícones brasileiros que são exemplos de ontem e de hoje para as novas gerações”, explica Katia.

Em sua mostra competitiva, o Festival du Cinéma Brésilien de Paris terá oito longas de ficção em concurso pelo troféu Jangada de Melhor Filme, a ser conferido com base na escolha do público. Integram a seleção o atual sucesso popular “Velhos Bandidos”, de Cláudio Torres; “Malês”, de Antônio Pitanga; “Perto do Sol é Mais Claro”, de Régis Faria; “Cinco Tipos de Medo”, de Bruno Bini, vencedor do Kikito de Melhor Filme em Gramado; “#SalveRosa”, de Susanna Lira; “Precisamos Falar”, de Rebeca Diniz e Pedro Waddington; “Assalto à Brasileira”, de José Eduardo Belmonte; e “Câncer com Ascendente em Virgem”, de Rosane Svartman.

Paulo Gustavo, presente!

De mãos dadas com a natureza pop de nossa produção, o evento presta um tributo a Paulo Gustavo (1978-2021), celebrando o humor brasileiro com a exibição do fenômeno “Minha Mãe é uma Peça 3”, de Susana Garcia, que levou cerca de 11,5 milhões de pagantes ao circuito. A saudade desse ás da comédia vai bater forte ainda na projeção de “Agentes Muito Especiais”, de Pedro Antonio, baseado numa comédia de autoria dele e de Marcus Majela.

Segundo Katia, essas escolhas retratam “um Brasil da diversidade, da democracia, do debate e do respeito”. “Fico muito feliz em programar Paulo Gustavo, relembrar sua trajetória e celebrar seu enorme sucesso. É muito importante trazer as comédias brasileiras para essa programação. Eu diria que é necessário, porque, como o próprio Paulo dizia, ‘rir é um ato de resistência’. Precisamos manter a capacidade de continuar lutando pela nossa democracia”, explica Katia, que deixou “A Noite de Alaíde”, de Liliane Mutti, para o fecho de sua celebração cinematográfica. “O festival traz, em sua programação, um retrato atual da sociedade brasileira”.

No dia 12, “O Agente Secreto”, que inaugurou sua carreira com vitórias em Cannes, nas quais se destacam o prêmio de Melhor Direção (para Kleber Mendonça Filho) e Melhor Ator (Wagner Moura), terá espaço no L'Arlequin. No dia 13, passa “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que conquistou o Oscar em 2025.

O Festival du Cinéma Brésilien de Paris tem apoios de mídia do Canal Brasil e da Globo Filmes e patrocínio da Embratur.

Pássaro processa o café mais caro do Brasil

Antes visto como praga nas plantações, o jacu torna-se o principal selecionador de grãos de um café vendido por até R\$ 1,8 mil o quilo



Divulgação

Selecionados manualmente, os grãos do café do jacu oferecem uma bebida de rara qualidade

AFFONSO NUNES

Há poucos anos, o jacu era inimigo na plantação. Agora é sócio. A ave selvagem de plumagem preta e garganta escarlate típica da Mata Atlântica transformou-se no prin-

cipal aliado da Fazenda Camocim, em Domingos Martins (ES), onde produz um dos cafés mais caros do mundo — vendido a R\$ 1.600 a R\$ 1.800 o quilo no Brasil e a £1.400 na britânica Harrods.

A história começou quando o proprietário Henrique Sloper conheceu o “Kopi Luwak” indonésio, café produzido de excrementos de

civeta, mamífero asiático de hábitos noturnos.

O jacu, também conhecido como jacuaçu (Penelope obscura), tem gosto refinado. Geralmente escolhe as melhores frutas, as mais maduras. Funcionários da fazenda coletam manualmente os valiosos excrementos deixados na propriedade. Essa seletividade é o diferencial.

O trânsito intestinal da ave é extremamente curto. Onde o jacu come, o café está maduro.

Na Camocim, os pés de café crescem em meio à floresta exuberante da região serrana capixaba. “Foi esse sistema que criou as condições necessárias para existir esse café exótico aqui”, explica Sloper. A plantação não usa produtos químicos,

transgênicos ou insumos sintéticos. É 100% natural, dentro da floresta atlântica, uma das regiões mais protegidas do país.

Os excrementos do jacu têm aparência peculiar — lembram um pé de moleque, com grãos incrustados em pasta enegrecida. Depois de colhidos, são secos em estufa, classificados, descascados e armazenados em câmara fria. O rendimento é mínimo: menos de 2% da produção total da fazenda. Uma embalagem de 250 gramas custa entre R\$ 400 e R\$ 450.

“Em função do trabalho para fazer esse produto, ele é naturalmente caro. Não tem como fazer um café de jacu com custo baixo”, afirma Sloper. “É um produto escasso e a produção é incerta, porque depende do apetite do jacu.” O pássaro funciona como alarme de colheita — quando come, você sabe que o café chegou ao ponto.

Os grãos bem maduros conferem notas doces com boa acidez, corpo aveludado e toques de chocolate, caramelo e frutas secas. Registros de 2025 indicam aumento de 20% nas vendas em relação ao ano anterior.

Diferentemente do “Kopi Luwak” e do “Black Ivory” tailandês (feito de excrementos de elefantes, vendido a mais de US\$ 2 mil por quilo), o jacu cresce em liberdade. Não há gaiolas, não há domesticação forçada. A presença de jacus em número significativo é indicador de saúde ambiental e biodiversidade preservada.

Para Sloper, esse modelo representa o futuro do café brasileiro. “O futuro do café vai vir do Brasil. Somos o maior produtor mundial e começamos a melhorar o branding, o marketing do café. É mostrar para o mundo que temos condições de fazer o que ninguém tem”, destaca.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Zona Sul abre no Catete

O Zona Sul inaugurou loja conceito no Catete, instalada em um casarão construído em 1875, com cerca de 2 mil m² e tombado pelo IPHAN. O imóvel, que já abrigou o Hotel Carson e a tradicional loja Renascença, passou por restauração criteriosa. Foram preservados a fachada original, elementos arquitetônicos históricos e um antigo bebedouro de cavalos. A unidade aposta em gastronomia e experiência, com diferentes estações e produção ao vivo. Áudios do jornalista e historiador Thiago Gomide contam a história do prédio.



Vitor Faria/Divulgação

Feijoada do Zeca

Já estão abertas as vendas para a tradicional Feijoada de São Jorge, que acontece no dia 23 em todas as unidades do Bar do Zeca Pagodinho. O evento é considerado um dos mais famosos da data e faz parte do calendário anual da cidade. No site <https://feijoada.bardozecapagodinho.com/>, o público pode garantir ingressos que dão direito ao buffet de feijoada assinado pelo chef Toninho Momo, open bar e apresentações de artistas renomados. Na unidade Vogue Square, as atrações são Xande de Pilares entre outras atrações.



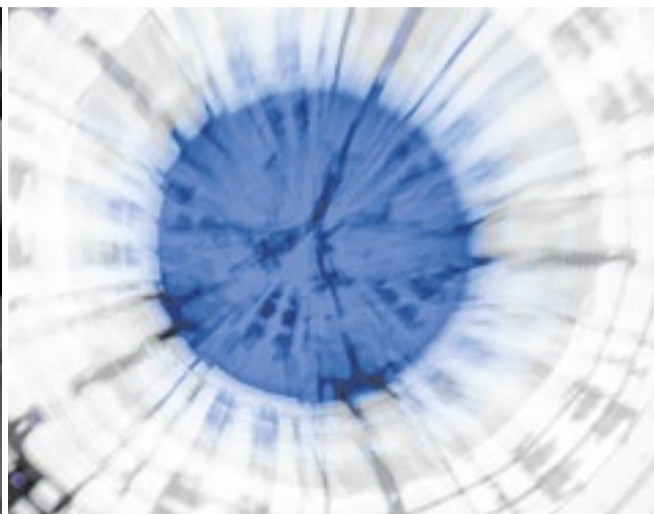
Divulgação

Intercâmbio gastronômico

No dia 13, a unidade do Shopping Leblon da Ferro e Farinha recebe uma collab entre dois chefs de trajetórias multiculturais. O nova-iorquino Sei Shirota convida o dominicano Francis Pena para um menu fechado inspirado no forno a lenha. À frente do El Gallego e da Casa Gazcue, Pena traz suas referências espanholas e japonesas para o jantar, em oito etapas, que começa com zucchini com stracciatella e acciughe. Em seguida, entram onigiri de atum defumado e carpaccio de salmão. Destaque para as catibias, bolinhos de yuca típicos dominicanos.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO



Moto contínuo

Vamos viajar na garupa leve do vento macio. Em tempos de viagem rodoviárias, tinha o hábito de, no fim da tarde, me deslocar para a cidade que visitaria no dia seguinte. À tardinha, a temperatura ficava mais amena e, dessa forma, menos cansativa. Outra questão é que já amanhecendo no local seguinte, fazendo pouso por lá, o dia fluía melhor sem a correria de ter de acordar na madrugada.

Nos bailes da vida ou num bar. O mais interessante disso tudo e, talvez, o principal motivo desses deslocamentos vespertinos estava em jantar nas churrascarias, pensões, cabarés, postos de gasolina, bares, restaurantes e tudo mais que servisse comida de primeira, fosse seguro, e, de quebra, tivesse um órgão elétrico Yamaha ou Korg tonitruante, com

seu maestro, enfurecido, se sentindo o próprio Rick Wakeman. Naturalmente em solo ou acompanhado de uma cantora ou de uma dupla.

Aprendi por observação e dicas colhidas ao longo do tempo, que os melhores locais para se comer na estrada são aqueles onde há muitos caminhões estacionados e, por conseguinte gente com fome procurando comida boa, preços justos e boa diversão.

Consta na pauta, no Karma, na carne, passou na novela, está no seguro, picharam no muro. Estávamos atravessando os anos 1980. Sinhozinho Malta e a Viúva Porcina, quando Regina Duarte era somente atriz e fazia rir o Brasil, eram prota-

gonismo, ímpar, de uma Asa Branca, microcosmo antagônico do país não muito diferente do atual. Regina ali, já era prenúncio da Regina atual. Roque Santeiro parava terras tupiniquins depois do JN, naqueles quarenta minutos não se ouvia pio em lugar nenhum. Descobri que caminhoneiros, mascates e vendedores viajantes eram noveleiros e dos bons. Discutiam personagens, imitavam gestual, compunham falas, num laboratório realizado em meio a espetos-corridos (rodízio) e pratos-feitos. Se houvesse música ao vivo era o momento do intervalo. As caixas de som passavam transmitir, não mais os vaneirões, forrós, ser-

tanejo e, na maioria das vezes, MPB para estrepitar a estrondosa gargalhada da viúva e o guizado-cascavel, emitidos pelo atrito entre o relógio e as pulseiras, de ouro, de Malta.

Gente é para brilhar, não para morrer de fome. Gente, absolutamente politizada, engajada, ciente de seu importante papel na sociedade. Conheci o Padre João Luiz da Pastoral da Terra e seu brilhante trabalho social-espiritual. Sempre nos encontramos pelos caminhos. Muitas vezes parei na estrada para assistir às suas missas, pregações e um café coado. Conheci o mineiro José Eduardo que puxava cargas de café entre Minas e São Paulo. Após um acidente

na empresa que trabalhava, passado o prazo legal, foi demitido por 'incapacidade'. Sem muitas perspectivas, resolveu investir sua indenização num Mercedes e cair na estrada. Sujeito interessantíssimo, autodidata, com cultura muito acima da média, se dizia o homem mais feliz do universo, pois fez, dos limões amargos da vida, uma doce limonada temperada com amor e mel – não fez caipirinha, pois álcool e rodovias não combinam mesmo. Fazia poemas, declamava Drummond e conhecida de cor, salteado e trás para frente a obra pessoana, cujo verso enfatizava durante suas falas.

Foram tantos os personagens que não cabem em uma só crônica. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, seguirei esses caminhos de encontros e despedidas. Mandarei notícias.